

## A RELAÇÃO TEXTO-IMAGEM EM ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO DA EDITORA SALAMANDRA

Luciana dos Santos Cristino (UNESP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe um estudo sobre a relação texto-imagem em uma edição brasileira de *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (1872), de Lewis Carroll, a saber, *Alice Através do Espelho*, traduzida por Marcos Maffei e na qual são reproduzidas as ilustrações da artista inglesa Helen Oxenbury, publicada pela editora Salamandra em 2010. Primeiramente, realizei uma macro análise utilizando o modelo descritivo dos estudos tradutórios proposto por Lambert e Gorp (1985), observando aspectos da capa, frontispício, tipo de papel utilizado, disposição das imagens, formato e tamanho dos tipos, formatação da página e cores utilizadas. Em um segundo momento, realizei uma micro-análise, observando os recursos estilísticos utilizados pela ilustradora e o impacto causado pelos efeitos escolhidos por ela na relação das figuras com o texto, também considerando o público alvo e a cultura de chegada. Utilizando, em particular, os conceitos de Rudolf Arnheim (1980), Perry Nodelman (1988) e Maria Nicolajeva e Carole Scott (2006) para observação da imagem em sua relação com o texto em obras ilustradas, serão destacados aspectos como de que maneira as linhas, formas e nível de saturação influenciam nas significações, como se dá a simulação da passagem do tempo e da progressão do movimento na imagem estática, a importância do ponto de vista a partir do qual as cenas são apresentadas em uma obra, entre outros. Pretende-se demonstrar de que maneira a utilização desses recursos é fundamental não apenas para a construção significativa da obra na linguagem visual, mas para a maneira como influencia na interpretação do próprio texto verbal.

**Palavras-chave:** Relação texto-imagem; ilustrações; Lewis Carroll

O processo de criação de qualquer expressão artística requer uma inspiração prévia. O autor é o responsável em criar o seu texto, escolhendo suas palavras e ordenando-as de forma coesa e coerente a partir de uma determinada inspiração. O ilustrador deve, a partir de um texto, elaborar uma imagem que represente um determinado texto. Portanto, ele também é um autor, já que escolhe o texto que quer representar e cria uma cena a partir do seu ponto de vista, adicionando, destacando elementos e informações que auxiliam implícita ou explicitamente na interpretação do texto verbal.

Destaco, assim, a importância das ilustrações presentes nos livros literários considerando sua função marcada desde os primórdios da pré-história. As ilustrações faziam parte do processo comunicativo dos homens com suas reproduções no interior das cavernas, peles de animais e casco de árvores e eram utilizadas para reproduzir pessoas, cenas ou regras. Nos dias atuais, as ilustrações são primariamente conhecidas

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNISA), Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC/SP), Doutoranda em Letras (UNESP/IBILCE). Contato: lucisantos2929@gmail.com.

por exercerem a função de reproduzir, “traduzir” ou elucidar o texto verbal dos livros, contribuindo de forma significativa para a compreensão e interpretação do mesmo.

Neste contexto então, a relação do verbal e não verbal (texto x ilustração) não deve ser considerada como algo complementar entre duas linguagens. A ilustração tem seu papel importante pois, por si só, nos revela uma série de significados elucidados por meio de técnicas utilizadas pelo artista. A escolha de traços, formas, cores, ângulo de visão, personagens, elementos e momento da cena, revelam uma autonomia e plenitude artística do ilustrador. São estes efeitos que dão vida e forma à paisagens, personagens, objetos, construções arquitetônicas, contextualizando de forma pontual a narrativa. Deste modo, a ilustração e texto estabelecem uma relação intertextual, interagindo e dialogando entre si.

Para elucidar esta questão, este artigo propõe uma análise da relação texto-imagem de uma edição brasileira da obra *Through the Looking Glass and What Alice has found there* de Lewis Carroll (1972) traduzida por Marcos Maffei e ilustrada por Helen Oxenbury, publicada pela Editora Salamandra em 2010, sob a ótica dos estudos tradutórios e imagéticos, considerando aspectos como focalização, peso visual, direção, passagem de tempo, gesto, objetos, cores, traços e formas utilizadas nas ilustrações, e, assim, verificando os procedimentos tradutórios utilizados pelo ilustrador como omissão, adição, metonímia e adaptação, levando em consideração o TF (texto-fonte) e TA (texto-alvo)- ilustrações.

A análise descritiva foi realizada considerando os seguintes aspectos: dados preliminares, microanálise e macroanálise. Os dados preliminares, segundo José Lambert e Van Gorp (1985) são descritos, observando-se aspectos como o título e a capa (presença do nome do tradutor, ilustrador, etc.); metatextos (folha de rosto, prefácio, notas de rodapé no texto ou separados); estratégias gerais (tradução parcial ou completa, adaptação, condensação, etc.). A macroanálise se dá com a verificação de possíveis omissões, adições ou alterações macrotextuais. Observa-se o tratamento dos nomes próprios, elementos culturais, entre outros.

### **Microanálise**

A edição escolhida faz parte das publicações especiais em comemoração aos 150 anos de Alice no país das Maravilhas. Elas estão dispostas em um *box* (fig. 3) que

dispõe dos dois volumes: *Alice no país das Maravilhas* (1865) e *Alice através do espelho* (1872). A gramatura do papel é grossa e o tamanho de ambas é considerável.

“The actual physical appearance of individual books is just as obvious an example of how prior expectations control our responses to Stories: it influences our attitude to the stories the books contain before we even begin to read them.” (NODELMAN, 1988, p. 44)

Segundo Nodelman, os aspectos físicos do livro, de alguma forma, podem influenciar em relação às expectativas, atraindo o público-alvo. Estes aspectos são fundamentais para a escolha de um livro didático e contribuem, sem dúvida, para chamar a atenção do leitor.

Em *Alice através do espelho* temos um total de 82 ilustrações da ilustradora Helen Oxenbury que merece lugar de destaque na capa da edição, como pode ser visto a seguir. A capa em *Alice no país das Maravilhas* (fig. 1) traz uma cor mais clara e ténue revela um clima mais quente. Alice tem cabelos soltos e despenteados. Na capa de *Alice através do espelho* (fig. 2), Alice está com a mesma roupa, porém ganha meia calça e camiseta de manga longa. A cor da capa, um bordô, nos revela um clima mais frio. A ilustradora optou pela cena clássica de Alice ajudando a rainha com seu penteado.

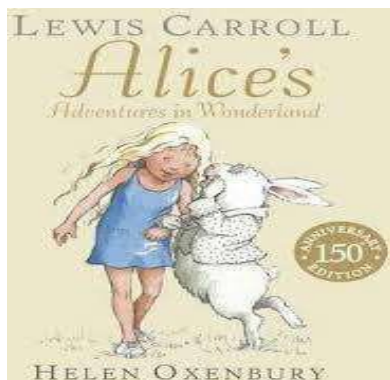


Figura 1 -Capa

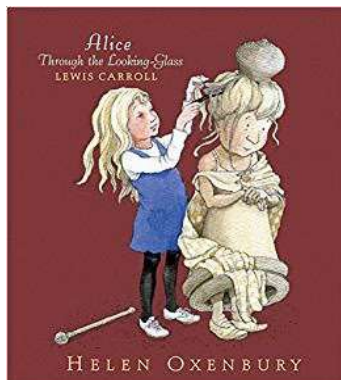


Figura 2 -Capa

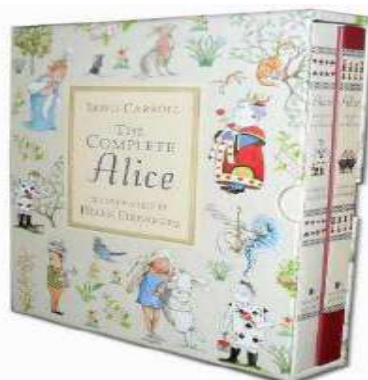


Figura 3- Box

O clima frio é ressaltado pelos poemas inicial e final que trazem trechos que remetem ao frio, melancolia e sombrio, sendo corroborado pela ilustração do frontispício como segue.

“Fora, o rio e a neve nem ver deixando,  
Tal da tempestade a fúria e remoinho (...)

“E, ainda que a sombra de um suspiro  
Às vezes se insinue em meio a história(...)  
(trecho do poema inicial, Carroll)



Figura 4: Frontispício

(Carroll, 2010)

A narrativa descreve este clima, desde o início:

“- Está ouvindo a neve nas vidraças, Kitty? Como é agradável e macio o som que ela faz! Como se alguém estivesse beijando a janela toda do lado de fora. (...)” (Carroll, 2010: 15)



Figura 5: Folha de Rosto

(Carroll, 2010. P: 02)

Na primeira imagem com Alice, a ilustradora já revela um clima aconchegante do lado de dentro que contrasta com o frio na parte externa. Ao mesmo tempo, há uma expectativa em relação à menina e suas gatinhas para ver e descobrir algo que está acontecendo do outro lado. Ela coloca o leitor do lado de fora, como telespectador e, ao mesmo tempo, do lado de fora, assistindo e participando desde cenário.

A ilustradora Helen Oxenbury também ousa, trazendo uma Alice mais moderna (fig. 7). Ela é despojada e usa roupas confortáveis e tênis. Se destoa da Alice mundialmente conhecida com seu vestido tradicional, avental e sapatos: um traje típico formal, ilustrada por John Tenniel<sup>2</sup> (fig. 6) em 1865.



Figura 6- Alice por John Tenniel  
(Carroll, 1865)



Figura 7- Alice por Helen Oxenbury  
(Carroll, 2010)

Em relação ao prefácio, a tradutora optou em realizar a tradução do texto original do autor, da 6ª edição de 1897 e a descrição da simulação do problema do jogo de xadrez que envolve o enredo da narrativa. As cores utilizadas contrastam com os personagens e o próprio tabuleiro que não é preto e branco como o tradicional.



○ Peão Branco (Alice) joga e vence em onze lances.

Figura 8- tabuleiro de xadrez -prefácio  
(Carroll, 2010)

<sup>2</sup> John Tenniel é o ilustrador da obra original *Through the Looking Glass and What Alice has found there*. Ele foi convidado por Lewis Carroll para ilustrar suas obras.

A ilustradora reproduz o tabuleiro (fig. 8) da obra original proposto por Tenniel, porém inova com as cores e as descrições alfa-numéricas que remetem à uma partida de xadrez mais contemporâneo.

O Índice (fig. 9) traz elementos que representam cada um dos capítulos: como, por exemplo, o ovo, no capítulo de Humpty Dumpty. Estes elementos anunciam o que o leitor irá encontrar, aguçando sua expectativa.



Figura 9- Índice ilustrado  
(Carroll, 2010)

### Macroanálise

Notei que o tradutor Marcos Maffei optou pela tradução total da obra e não omitiu poemas e nem trocadilhos utilizados pelo autor. A narrativa é fluida e as ilustrações ganham destaque por meio do texto escrito.

Destaco, assim, algumas técnicas utilizadas pela ilustradora: a direção e o peso visual. Na imagem a seguir (fig. 10) temos um elemento do centro: o novelo de lã que ganha destaque pela posição na imagem e pela cor vermelha, ganhando o peso visual que sofre uma tensão de direcionamento com os demais elementos que se posicionam em sua direção como: o gatinho preto, suas patas e orelhas, a orelha da mãe gata e sua língua que aponta em direção ao novelo e a gatinha branca que está olhando para o novelo também.



Figura 10- Kitty dando banho em suas gatinhas  
(Carroll, 2010. P: 10)

“O peso depende também do tamanho. Os outros fatores sendo iguais, o maior objeto será o mais pesado. Quanto à cor, o vermelho é mais pesado do que o azul, (...).”  
(ARNHEIM, Rudolf. p. 16)

Segundo o autor, este peso visual se intensifica com o uso da cor vermelha e a distribuição dos personagens: a Kitty e seus gatinhos. A cena tem um equilíbrio visual e proporciona ao leitor uma integração de seus elementos.

Nas ilustrações (fig. 11 e 12) com Humpty Dumpty, a ilustradora utiliza as cores e a ausência das mesmas para intensificar o movimento da clássica cena: a queda de Humpty Dumpty, utilizando o vermelho e o foco no centro da imagem.



Figura 11-Humpty Dumpty  
(Carroll, 2010. p: 123)



Figura 12- a clássica queda de Humpty Dumpty  
(Carroll, 2010. p: 137)

Uma das cenas principais da narrativa ganha destaque: Alice atravessando o espelho. Podemos notar nesta ilustração (fig. 13) que Alice está saindo apenas, ela não entra como outros ilustradores o fazem. Considerando uma leitura proposta por Nodelman (1988) da esquerda para direita, Alice sai do espelho, dando a impressão ao leitor que ela está entrando em seu mundo, ou seja, o mundo do espelho seria o mundo do leitor, o mundo real.



Figura 13- Alice atravessando o espelho  
(Carroll, 2010. p: 19)

Nesta cena, a Rainha Branca abraçando sua filha, temos uma perfeita combinação de traços finos e delicados que se destacam pelas formas arredondadas e pontiagudas. No formato da peça de xadrez da rainha. O afago é traduzido pela técnica sublime da ilustradora. As cores estão ausentes para destacar as linhas utilizadas.



Figura 14 A rainha Branca e sua filha Lily  
(Carroll, 2010. p: 23)

“The nontextual elements that create mood or atmosphere in picture books are not really separable parts or components. They are not objects within an individual picture but, rather, predominanting qualities of a book as a whole – matters like the size or shape of pictures (or even of the book the pictures are found in), the artist’s choice of médium and style, the density of texture, and the qualities of colors.” (Nodelman, 1988. P. 41)

As cores também são bem utilizadas pela ilustradora para dar ênfase ao movimento, conforme podemos observar nas imagens a seguir (fig. 15 e 16).





Figura 15- Alice e Tweedledum e Tweedledee (Carroll, 2010. p: 76)



Figura 16- Alice e Tweedledum e Tweedledee (Carroll, 2010. p: 77)

Outro efeito que a ilustrador traz, por meio das suas imagens é a personificação. A briga do Leão e o Unicórnio (fig. 17) é destacada pelo efeito esfumado, intensificando a desordem e movimento da cena. O soco do Leão nos remete a uma briga entre pessoas, o que nos remete a uma autêntica humanização.



Figura 17- O Leão e o Unicórnio

(Carroll, 2010. p: 149)

Neste trecho, podemos verificar um trecho da narrativa que complementa o sentido da imagem (fig. 18). Não dá para identificar se Alice está saltando ou flutuando. A narrativa resolve o problema: ela está flutuando.

“Ela saiu da sala no mesmo instante, e correu escada abaixo – quer dizer, não foi exatamente “correr”, mas uma nova invenção para descer escadas com rapidez e facilidade, como Alice disse para si mesma. Ela apenas manteve as pontas dos dedos no corrimão, e flutuou suavemente pra baixo sem nem

mesmo tocar os degraus com os pés: então flutuou através do hall, e teria continuado porta afora do mesmo jeito, se não tivesse se segurado no batente.” (CARROLL, 2010. p. 31)



Figura 18- Alice flutuando  
(Carroll, 2010. p.: 30)

Neste trecho, a ilustração adiciona informações. Temos o trecho da narrativa:

“- Como é que o senhor consegue continuar falando tão calmamente, de cabeça para baixo? – Alice perguntou, ao puxá-lo pelos pés, e ajudá-lo a sentar na borda.” (CARROLL, 2010. p. 176)

Na imagem (fig. 19) podemos perceber um enorme e exaustivo esforço de Alice que não está descrito no texto verbal. Há uma adição visual de informações por meio da imagem.



Figura 19- Alice e o Cavaleiro  
(Carroll, 2010. p: 76)

Outro recurso utilizado pela ilustradora: nesta imagem (fig. 20) Alice pode ser confundida com a árvore. Os traços iguais e a postura largada, exausta merece destaque nesta ilustração. A utilização de traços finos e os contornos acabam intensificando este

efeito. Mais uma vez, a ilustração dá uma ênfase e adiciona elementos que a narrativa não dá conta.

“(…) bem quando Alice estava ficando exausta, pararam, e ela se viu sentada no chão, sem fôlego e zozna. A Rainha recostou-a numa árvore, e disse gentil: - Pode descansar um pouco, agora.” (CARROLL, 2010. p. 48)



Figura 20- Alice cansada  
(Carroll, 2010. p: 48)

Por meio de elementos e objetos específicos, podemos aproximar o Cavaleiro (fig. 21) de Alice através do espelho com o Dom Quixote de La Mancha. A cena característica não deixa dúvidas. Toda vez que o cavalo para, o cavaleiro cai para frente.

“(…) most of the narrative information that pictures provide comes from the specific objects depicted- not just what they are but also how they relate to each other. The objects themselves become meaningful through the contexts they evoke, which relate them to our general knowledge and experience of life, of literature, and of visual art.” (NODELMAN, 1988. p. 101)

Nodelman nos faz pensar como a narrativa pode nos remeter a um conhecimento prévio ou a uma experiência de vida, que nos faz, de alguma forma, remeter ao passado e estabelecer relações e conseguir associar ao Cavaleiro de Dela Mancha.



Figura 21- A queda do cavaleiro  
(Carroll, 2010. p: 160)

Outro momento de destaque na narrativa é o descrito no poema Jabberwocky, traduzido como Jaalgarávio. Neste momento da narrativa, o autor descreve a cena da morte do que se chamaria de uma espécie de dragão. O detalhe da capa vermelha (f. 22) e do sangue escorrendo.

#### **Jaalgarávio**

**“Um dois, um dois! Crava fundo em couraça espessa  
A espada vorpal, ponta a ponta, de trás a diante.  
Ele o deixou morto, e levando a cabeça,  
Não tardou a de volta partir, galunfante.”**  
(Carroll, p. 29)



Figura 22- A morte do Jabberwocky  
(Carroll, 2010. p. 29)

Podemos identificar, em uma sequência de 3 imagens (f. 23, f. 24 e f. 25) uma sequência de fatos e a passagem do tempo.



Figura 23- Alice sacudindo a rainha /Figura 24- A rainha se transforma em gatinha /Figura 25- A gatinha e a peça de xadrez (rainha vermelha)

(Carrol, 2010. P. 219)

(Carroll, 2010. P. 221)

(Carroll, 2010. P. 223)

### **Considerações Finais**

As ilustrações são fundamentais para a interpretação do texto literário. A relação entre imagem e texto é intertextual. Este processo é complexo e depende das diversas estratégias utilizadas pelo ilustrador como: cores, sombra, objetos, diferentes texturas, tamanhos e formatos. Os diversos efeitos visuais como: movimento, tensão de direcionamento, peso visual, equilíbrio e passagem do tempo nos revelam vários elementos que adicionam, omitem e intensificam informações.

O texto fonte é estático e pode ser recriado por meio das informações que a imagem revela. Os elementos escolhidos pelo autor se tornam fundamentais para agregar, alterar ou intensificar a narrativa, criando expectativa, movimento ou efeitos visuais. Helen Oxenbury utiliza a posição das ilustrações para envolver o leitor nesta atmosfera, desde o início da história. Também intensifica alguns momentos narrados, adicionando ou omitindo informações relevantes.

A ilustração é criada com uma enorme intensidade para traduzir o texto literário e corroborar a intenção do autor e suprir as expectativas do leitor, colaborando para a interpretação mútua dos significados em questão, buscando identificar as relações de convergência e divergência entre os textos verbais e não verbais. Neste contexto, o

ilustrador é um autor ou um “tradutor”, pois é ele que cria, de maneira única, por meio de suas escolhas, sua contribuição por meio da imagem.

### Referências

ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora*. 12a. Reimpressão da 1ª edição de 1980. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BAL, Mieke. *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative*. Toronto/London: University of Toronto Press, 2009.

CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice. Alice's Adventures in Wonderland & Through the Looking Glass*. Intr./ notes Martin Gardner. Ilust. John Tenniel. London: Penguin Books, 1970.

\_\_\_\_\_. *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá*. Trad. Marcos Maffei. Ilust. Helen Oxenbury. Rio de Janeiro: Salamandra, 2010.

LEFEVERE, André. “Literary Theory and Translated Literature”. In: *Dispositio*, Vol. VII, No. 19-20, 1982a. pp. 3-22.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Editora Portugália, 1968.

\_\_\_\_\_, Michel. *Ditos e Escritos: estética, literatura, pintura e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

LAMBERT, José (Org.). *Functional Approaches to Culture and Translation*, Selected papers. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2006.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carol. *How Picture Books Work*. London/ New York: Routledge, 2006.

NODELMAN, Perry. *Words About Pictures: The narrative Art of Children's Picture Books*. Athens/London: The University of Georgia Press, 1988.

SCHWARCZ, Joseph. *Ways of the Illustrator: Visual Communication in Children's Literature*. Chicago: American Library Association, 1982.

TODOROV, Tzvetan. Os Limites de Edgar Allan Poe. In: *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.a

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1995.